

A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor:

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

Director:

ALCINDO DIAS PEREIRA

VITORINO SIMÕES LOPES SAMPAIO

Redacção e Administração: Rua 31 de Janeiro, 165—Composto e impresso na Tipografia MINERVA VIMARANENSE: Rua 31 de Janeiro — GUIMARÃES

Assistência

A criança deve merecer-nos especial cuidado. Desde o momento em que os seus olhos se abriram para a luz do dia, necessita que lhe dediquemos um especial carinho, que a defendamos da série infinita de perigos que constantemente a ameaçam, que a preparemos para entrar na vida com energia, com saúde, com robustez orgânica.

A puericultura é indiscutivelmente uma grande ciência que demanda conhecimentos especialíssimos e uma grande preparação técnica. Não é fácil, por isso, obter de um momento para outro, a realização de tudo quanto ela nos ensina e exige. Mas entre a perfeição, dificilmente atingível e o nada que se está praticando existe um termo médio, cuja prática é de salutareos efeitos.

E assim, embora impossibilitados, quem sabe por quanto tempo! de tornar extensiva a tódas as classes a puericultura, com tódas as suas admiráveis regras, devemos pelo menos pôr em prática os elementares preceitos, sem os quais a infância se define e morre.

O meio obreiro de Guimarães, é, como de resto em tóda a parte, o mais fecundo, mas ao mesmo tempo aquele em que a criança luta com maiores dificuldades. Abstraindo das taras hereditárias que geralmente pesam sobre ela, a sua vida é, desde o momento em que assomou à luz do dia, dificultada por um conjunto de circunstâncias que urge fazer desaparecer.

A mãe, a quem a necessidade de auferir os recursos para provêr ao seu sustento, impõe o abandono do lar durante as horas de trabalho, deixa geralmente o tenro sêr entregue à vigilância de qualquer pessoa que tem apenas um empenho—conseguir que a criança não chore.

E como a pobresinha não sabe exprimir as suas queixas para ali fica o dia inteiro, tantas vezes sem agasalho, sem aceio, sem higiene e até sem ar e sem luz, aguardando ansiosa que a mãe lhe venha introduzir na bôca o seio alimentador. E assim vão passando as horas, assim vão decorrendo os dias até que pela fôrça do tempo consegue tentar os primeiros passos e deslocar-se com o à vontade que lhe dá o abandono em que vive.

E' preciso modificar êste modo de viver da primeira infância, criando maternidades e creches onde as crianças sejam devidamente cuidadas. Guimarães tem recursos bastantes para isso, basta boa vontade para se realizar esta assistência.

Quem virá?

Esta pergunta anda de bôca em bôca no elemento monárquico-jesuitico, desde que foi declarada, publicamente, a crise ministerial. Os falsários, os homens dos regabofes, querem a todo o transe um govêrno ao seu paladar, um govêrno anti-republicano, um govêrno a que eles chamam "de salvação nacional," etc. etc. Não dizem francamente que pretendem um govêrno de salvação monárquica, e de recheio, mas as voltas do vira bem nós as sabemos.....

Estes maduros, são sempre os mesmos, mas a edição vai-se tornando de cada vez mais completa. Habitados a viver acobardados, eles querem continuar a interessar-se pela obra da ditadura, a fim de se tornarem queridos e de se arvorarem em acérrimos defensores dum govêrno da República!!!

Mas perguntando-lhes que ideal defendem, eles respondem sempre o seguinte: não abdicamos dos nossos princípios, mas estamos ao lado da ditadura... E', sem dúvida, um ardid habilidoso para subornar os incautos, mas não é digna nem correcta esta atitude. Então só em ditadura é que estão ao lado dum govêrno republicano, para bem da Pátria? Não lhes merece Esta, em outras situações políticas, o seu esforço e a sua lealdade? Eles queixam-se de que tem sido perseguidos pelos partidos políticos, quando a tolerância tem sido demasiada; acusam os mesmos partidos de só atenderem a clientela da mesma natureza, e que, por êste motivo, não podem cooperar com eles. São êstes, e muitos outros, os argumentos balôfos de que se servem para justificar o seu condicional apoio (dizemos condicional, por dizerem que continuam a ser monárquicos, mas que estão ao lado do govêrno da ditadura) à situação política actual.

E agora, que se trata da constituição de novo govêrno, eles aí andam, aflitos e preocupados, porque não querem descer do pedestal aonde foram guindados desde o 28 de Maio. Coitados!...

E' para lastimar se desta feita não são bem sucedidos. Nós, que somos republicanos, queremos somente o prestígio da República, ao contrario dos nossos adversários, e o engrandecimento da nossa Pátria Amada.

Há dez anos...

Estava em Mouchin. Pequena aldeia francesa, situada na fronteira belga. Proximo ficava Tournai, onde se encontravam os alemães. Fazia parte das forças anglo-lusas, que tinham por missão proteger e auxiliar a engenharia inglesa, no serviço de lançamento de pontes sobre o Escaut. Desde a véspera que estávamos de prevenção. Amanheceu o dia 11 de Novembro de 1918. Os alemães fizeram os seus habituais cumprimentos com a artilharia e metralhadoras. Nós só fomos mimoseados com as 38. Depois o fogo começou a afrouxar. Só se ouviam de quando em quando os tiros regulares de pontaria. A ordem para marcharmos não chegava. O oficial inglez que estava junto do comando, foi para o Q. G. receber ordens.

O tiroteio a pouco e pouco foi cessando.

Já não se ouvia nada. Este silencio e a falta de noticias causava-nos enervamento. O oficial de ligação não havia meio de chegar. De repente avistamo-lo ao longe. Vinha sorridente. Rodeamo-lo e fizemos-lhe a nossa habitual pergunta cheia de curiosidade—então que há?—O inglez de posse de um bom humor e de uma alegria inexplicavel, somente proferia as palavras que sabia em bom portugues, armistício... armistício... armistício.....

Todos os rostos se transformaram. A alegria reinou em todos os corações. Por todos os cantos e esquinas se viam rapazes a escrever ás suas famílias, comunicando-lhe a boa nova.

Acabou a guerra... Regressamos breve a Portugal.

A. C.

Instrução

Com a nova organização do inspectorado, foi elevado á dignidade de Inspector-Chefe o ilustre Inspector Escolar de Guimarães, Sr. Manuel A. Ribeiro de Miranda, e colocado na Região Escolar de Bragança.

Por êste facto «A Velha Guarda» e os amigos do Sr. Ribeiro de Miranda cumprimentam e felicitam S. Ex.ª e apresentam as suas condolências ao professorado dêste circulo e á instrução, porque perderam um dos seus mais prestáveis amigos.

Este número foi visado pela Comissão de censura.

Pela Instrução e Educação

Nunca é demais percutir esta tecla-Instrução e Educação.

Deveria muito contrariamente este importantissimo problema constituir o assunto do dia.

Um povo sem instrução é um povo desarmado para a tremenda luta pela vida e não pode alimentar a mais fugaz esperança de vencer.

Um povo sem uma boa educação é incapaz de acção útil e firme.

O analfabetismo é ainda em Portugal a mancha negra que dos logarejos mais remotos se alastra até aos centros universitários. Os treinados no manejo das letras; os homens da sciência, da arte, da indústria, desentranhando-se em encantadoras produções, diligenciando por proporcionar-nos o maior somatório de comodidades, de bem estar, de preservação contra tantos males que afligem a humanidade vêem-se rodeados de uma massa enorme de ignorantes e deseducados que os não compreendem e sentem-se envolvidos de uma treva ainda muito densa ofuscando a luz que do seu espirito irradia.

Admira mesmo que nesta altura da civilização, na época do automovel, do avião, da telegrafia e telefonia sem fios, na época em que parece tudo querer chegar, ver e ouvir primeiro os organismos da sociedade portugueza se não congreguem e em unísono clamem por mais zelo, mais carinho e dedicação para êste problema, cuja resolução é impreterável.

Povo exuberante de docilidade; povo maravilhoso de bondade; povo de assombrosas qualidades de trabalho e de adaptação o que não fazia, se o instruissem e educassem em equação com as necessidades e exigências da vida que decorre?! Acertadamente disse Vieira:—Só estimarás o valor do que chegares a possuir.

O portuguez só se apercebe do prejuízo da treva do espirito, quando na presença de trabalhadores convenientemente instruidos e educados vê para si reservada a tarefa mais própria de uma máquina insensível que de uma unidade do género humano.

Ainda assim êle triunfa algumas vezes.

Despertando as qualidades inatas, aprende com relativa facilidade, concebe, elabora e ascende a lugares e situações em que marca.

A grande imprensa pulveriza a sua atenção por múltiplos assuntos que lhe garantem a sua existência. A imprensa politica debate o problema politico, quasi sempre os interesses de facção e só incidentalmente o da Instrução. A imprensa de classe defende preferentemente os seus interesses económicos. E a imprensa pedagógica é só lida pelos profissionais.

Aparece uma outra vez um artigo versando o assunto mais de

“Prove!”

Este prove de “O Conquistador,” — é deveras interessante. Quería o colega que perdessemos o nosso tempo, a transcrever afirmações, para provarmos o que está mais do que provado. Ora deixe-se de coisas, colega; se a carapuça lhe serviu, enterre-a bem até ás orelhas...

*

« Liberdade precisa »
Aproveitamos o conselho que

nos dá, desde que o colega nos indique o caminho que devemos seguir para a Censura não cortar a nossa prosa. Temos mais do que o cuidado preciso, mas nem assim somos poupados. ¿Será questão do cabeçalho do Jornal?

Talvez...

Em todo o caso o colega não terá razão de queixa, apesar de estar sujeito à mesma Censura; mas não admira, porque o termo “Conquistador,” quere dizer — o que conquista.

feição e recorte literário que de molde a penetrar o espirito do leitor.

Merece, porem, ser mais agitado e muito mais tratado com interesse e carinho.

Na simples carta e no jornal deve ter o seu lugar de honra.

Na medida do possível versaremos na «Velha Guarda» que nos abriu gentilmente as suas portas, o magno problema.

Somos professor primario. Não sacudiremos só a água do nosso capote, aliás, analisaremos o magno problema sob os aspectos que possamos atingir e apontaremos o quasi interesse de uns, o desleixo e abandono de outros e a apatia e indiferença de muitos, fazendo sempre justiça a todos. Guimarães 10-11-1928.

J. F. B.

Registo de professor primário

SAIBAM QUANTOS...

Que um professor primário elementar tem em média o vencimento diário de 21\$00

Que lhe é abonado o subsídio mensal na cidade de Guimarães para renda de casa de 4\$33

Que ao professor das escolas rurais e de muitas lhe abonam somente.... 2\$08

Kermesse

Realizou-se no passado Domingo a anunciada Kermesse dos Empregados do Comercio, que esteve muito concorrida e animada, com duas bandas de musica no Jardim Publico.

Continua hoje, Domingo 11, se o tempo o permitir.

Pedem-nos os moços da Associação dos Empregados do Comercio para agradecer a todos aqueles que os ajudaram nesta tarefa.

Ao Comercio, á Industria, aos sócios amigos da sua Casa e, especialmente ás bondosas e lindas senhoras da nossa terra, pela gentileza cativante com que atenderam os humildes trabalhadores do balcão, oferecendo as suas ddivas de grande valor estimativo.

Podeis crer, que nos corações dos simpáticos moços ficou para sempre gravado o reconhecimento, a atenção e o interesse que vós, senhoras da nossa terra, lhes dispensastes.

Ao nosso amigo e correligionário sr. Alberto Teixeira Carneiro, pedem tambem para lhe agradecer a simpatia que lhes despertou a rapaziada a cuja classe já pertenceu, e com muito orgulho o afirma, esperando continuar a merecer-lhe sempre a mesma atenção.

Ao povo o mesmo reconhecimento pela sua presença á Festa esperando que, hoje, não falte, animado da mesma vontade de ajudar os Caixaeiros na sua missão, pois eles são bem dignos da simpatia do povo, pelo muito que já tem feito pela nossa terra.

Exposição de chapéus

Maria Emilia da Fonseca com atelier de vestidos e chapéus, á Rua da República, 91, tem a honra de convidar V. Ex.^a para visitar a sua Exposição de chapéus nos dias 11 e 12 de Novembro, onde se encontram modelos parisienses para senhora e creança.

Crónica de viagem

O que eu vi e ouvi por Guardizela

V

Eu peço, para a comprovação das minhas palavras, o testemunho sincero do povo de Azurém e de Basto por onde ele passou e donde foi corrido. Os seus colegas, e mesmamente os seus superiores hierárquicos, não me deixarão mentir, por certo.

Vou continuar, portanto, o meu ataque leal e honesto, sciente e consciente de que pratico uma acção humanitaria, defendendo os pobres de Guardizela dum aleijão clerical que os quer roubar.

Este meu ataque tem sido muito restrito, dadas as circunstancias do jornal em que escrevo ser pequeno e eu não me poder alargar em graves considerações como o caso merece. Essas considerações deixo-os, no entanto, para um pequeno opusculo que vou publicar e dirigido a S. Ex.^a Rev.^{mo} o Snr. Arcebispo de Braga. Desmascarado o homem, creio bem que só tem um caminho a seguir:— O Conde de Ferreira!

E vou desmascará-lo, custe o que custar. Vou desmascará-lo perante as autoridades eclesiásticas que não quererão, por certo, que o guia espiritual dum povo seja um homem cheio de erros no seu mister e portanto um desacreditador da religião Católica.

E um padre que proceda como o visado, não levanta, não propaga, não enobrece e não moraliza a religião que ministra! E' simplesmente um deturpador, um vendilhão!

Vou desmascará-lo tambem perante as autoridades Administrativas. Para essas illustres entidades eu peço, abusivamente, um pouco de atenção.

O povo de Guardizela, Ex.^{as}, sente-se envergonhado ao ter por seus representantes três individuos quasi analfabetos que nada fazem nem deixam fazer. A culpa, é certo, e para bem da verdade essa justiça lhes fazemos, não é deles. E' do padre. Vejamos:

A Junta que se seguiu ao 28 de Maio era constituído por individuos que sabiam ver as coisas.

Essa Junta não convinha ao padre por não lhe fazer a entrega do passal como era seu desejo. Para alcançar os seus fins, aproveitou a ocasião de estar nas cadeiras Administrativas o Snr. Doutor de Celeiroz, e, de ventas dilatadas, farejou a sua exoneração. Farejou e conseguiu a bem ingloriamente! Foi então nomeado a actual para a eterna vergonhado do povo de Guardizela.

O espaço falta-me. No próximo número exporei aos leitores os pontapés que este homem tem dado na religião — salvo se ele me prometer abandonar a ideia do roubo aos pobres de Guardizela. Abandonando, eu prometo silêncio tumular.

A. P.

CARTA

...Sr. Director de «A Montanha»:

Como a Imprensa está prestando bons serviços na descoberta de crimes, como agora, com o crime de S. Martinho de Dume, em Braga, beneficio que se deve ao «Correio do Minho» pela sua tenacidade, coragem de trazer para a ribalta o Prior de S. Martinho e outros parceiros, conhecedores do verdadeiro assassino e encobridores, beneficio de ilibar perante a sociedade a inocencia do desgraçado Cipriano, cuja atitude na questao do «Correio do Minho» mereceu as iras e lhe caíram os anatematos do orgão do arcebispo, o «Diario do Minho»!!!

Porque não levanta V. no seu jornal o apuramento de responsabilidades, no suicidio do Padre Olimpio que, num desespero procurou a morte, num acto de loucura, pois que ele era um doente, levado a este desespero pelas crueldades como o arcebispo e arcipreste de Guimarães o tratou, no seu Tribunal da Inquisição, sem defesa, lançando-o na pobreza, no desprezo, e cobrindo-o, ignomiosamente, com um labeu infamante!!!

O Tribunal da Inquisição está a trabalhar, em Braga, com um jornaleco diário o «Diario do Minho» que todos os dias vomita cá para fora tôdas as mentiras e infâmias, sem ter quem lhe vá á mão a não ser o «Correio do Minho» que lhe joga alguns piparotes...

Falta «A Montanha», na sua linguagem viva, e contundente, para lhe pôr a calva á mostra.

O arcebispo e comparsas, como o arcipreste de Guimarães, sacudiram água do capote, alijando responsabilidades morais, no suicidio ds infeliz Padre Olimpio Rebelo, dizendo que o padre era cumpridor dos seus deveres, que nunca o admoestaram etc. etc. etc... Que disfarce!!!

O «Correio do Minho», pucha para a frente o Prior de S. Martinho que sabia do verdadeiro criminoso, e intermediários de indemnisações do criminoso, para o desgraçado Cipriano, preso, e que tudo perdeu das suas economias. — Porque não pergunta V. á autoridade?

De «A Montanha».

Ginkana de Automoveis

Conforme tinha-nos noticiado, realizou-se no passado domingo, na Parada dos Bombeiros Voluntários, a anunciada Ginkana de Automoveis, para profissionais.

Era elevado o número de concorrentes e foi numerosa a assistência.

O Juri, composto pelos Ex.^{mos} Srs. Alvaro da Costa Guimarães, Luis Dourado, Francisco Jordão, Tenente Calejo e Manuel Jesus de Sousa, classificou os concorrentes, pela seguinte ordem: 1.º e 4.º prémio, José Teixeira; 2.º, José Custódio; 3.º, Clemente Rocha; 5.º, Domingos Pina; 6.º e 8.º, José de Freitas e 7.º, Julio Novais.

Felicitemos a comissão organizadora desta prova, pelo bom êxito obtido.

Cemitério Municipal

Pela C. A. da Câmara Municipal, foi demitido de Administrador deste cemitério, o nosso presado amigo e valoroso correligionário Sr. António de Jesus Teixeira.

Cumprimentamo-lo.

As proesas dum reaccionário

Guimarães, Outubro, 29 — Como membro da comissão que foi até Lisboa reclamar do governo alguns melhoramentos a que se julga com direito esta cidade, ia um professor do Liceu muito conhecido pelas suas façanhas, reaccionário impenitente. Trata-se do bacharel, talvez em teologia, sr. Santos.

Porque na redacção do «Diário de Noticias» houvesse necessidade de alguém que vomitasse sandices sobre republicanos, vá de se mandar um redactor á procura do dr. Santos.

Encontrado, mostrou o sr. Santos ser o homem desejado e, assim, permitiu-se botar asneira que, por certo, lhe há-de causar amargos bôca. Já agora e até que se possa historiar as consequências da sua entrevista ao «Diário de Noticias», vamos tentar fazer a biografia deste seráfico varão, insultador de republicanos.

Convidado, como «comissário dos scouts», para assistir á sessão solene comemorativa do Aniversário da Revolução de 5 de Outubro, festa de carácter nacional, pois, embora pese ao sr. Santos, é a data da emancipação do povo português, responde, baseado em qualquer artigo do hipotético regulamento, que não pode por lhe ser vedado, assistir a festas de carácter politico! Onde lhe doía, sabemos nós.

Por hoje basta, mas... até breve.

De «O Povo».

Falecimentos

Faleceu na passada semana a mãe do nosso amigo Sr. Simão Costa, estimado industrial de barbearia nesta cidade, aquem por este motivo apresentámos as nossas condolências.

Tambem faleceu na risonha idade de 18 anos a filha do nosso amigo Sr. Antonio Simões, habil oficial da barbearia Simão Costa.

Aos desolados pais, apresenta «A Velha Guarda» a expressão do seu pesar.

Ginkana de Motocicletes

Se o tempo o permitir, realiza-se hoje, na Parada dos Bombeiros Voluntários, uma Ginkana para Motocicletes.

Informam-nos haver muitos inscritos, para esta interessante prova.

A falta de espaço inibe nos da publicação do respectivo regulamento.

ISMÊNIA AUGUSTA S. L. DE MATOS MODISTA

Participa que mudou o seu Atelier de Vestidos e Roupa Branca da Travessa do Monte Pio para a Rua de Gil Vicente, 17 — Guimarães.

No próprio interesse de V. Ex.^a, aconselha uma visita ao mesmo, agora completamente transformado. Confecciona pelos últimos figurinos toda a obra de Senhora e Criança.

Encarrega-se de Enxovais para Casamentos e Baptizados.

Preços módicos. Execução imediata e perfeita.

A' volta dum acontecimento

O oitavo centenário da Batalha de S. Mamede

Continuado do n.º 203

Aguilhoados por este sentimento, os descontentes estimularam no infante as suas ambições de rapaz. Afonso Henriques, valente e decidido, mal assobrava as âncias de governar. De ha muito que ele via com maus olhos a preferência do conde nos negócios públicos. O apróbrio da mancebia materna acabou de afervorar-lhe as convicções. A revolução foi no inicio uma luta aberta ao governo de D. Terêsa, mórmente aos galegos que junto dela valiam.

A rainha não era omissa no manifesto abandono a que votava o filho. Era este obrigado a obedecer ao amigo de Diogo Gelmires, um estrangeiro como por acinte o tratavam aqueles que primeiro interpretaram as tendencias da nossa nacionalisação. A procela ferveu oculta até que alguns castelos tomaram enfim a voz do infante.

O rumorejo ecoou bem alto; tão alto que o jovem rei de Leão e Castela, o primo de Afonso Henriques, resolveu invadir este território e pôr cobro a questiúnculas. Corria o ano de 1127. Havia pouco que D. Urraca baqueara como devia baquear em breve sua irmã. Afonso Henriques foi encurralado, por um pesado sitio, em Guimarães. O fim de Afonso VII era forçar á obediencia quer a mãe, quer o filho.

Na impossibilidade da mais leve resistência resolveram os sitiados prestar vénia ao imperador. Ficou Egas Moniz por fiador do principe português que parece ter-se congraçado com a mãe. Há um episódio ou lenda da provada honradez do senhor de Riba Douro. Todos conhecem a história. Alguém vê nela o espelho dos homens antigos; mas, se nos é dado omitir uma opinião, ela tem um único fundo de moral: a honradez biblica de Egas Moniz procedeu, o santo exemplo que exarou no compêndio da sua memória. Se é lenda, prova que o aio de D. Afonso Henriques era homem com sobejas qualidades para cometer tamanha virtude; virtude que nenhum bispo contemporâneo seria capaz de praticar na Peninsula. Se é facto, tornou-se mui notório pela raridade destes exemplos.

(Continúa).

Da Redacção

Por absoluta falta de espaço com que lutamos no presente número, é-nos impossível publicar todo o original entregue, entre o qual destacamos «Bisturi» e «Um irradiado».

*

— Lembramos aos nossos distintos colaboradores, o favor de entregar o original na Redacção, até 5.ª feira, ao meio dia, imprerterivelmente.